

Malaca

Portugal e o Oriente: História e Memória

Coord.

João Marinho dos Santos
José Manuel Azevedo e Silva



Palimage
Imagem Palavra

Índice

Programa do ciclo “Malaca”	7
Apresentação.....	9
Conferências	
D. Carlos Ximenes Belo, <i>A Conquista de Malaca e o início da Fundação das Missões Católicas no Sudeste Asiático</i>	15
Manuel Lobato, <i>Malaca: mito ou realidade? Representações de um entreposto luso-malaio entre a Índia e a China</i>	55
José Manuel Garcia, <i>Da busca das Índias à formação do Estado da Índia</i>	73
Exposição Iconográfica e Cartográfica. Portugal e o Oriente.	
História e Memória. 2. Malaca	99
Roger Lee de Jesus, <i>A Insulíndia e o Comércio Inter-Asiático</i>	100
Ricardo Rodrigues, <i>A(s) Urbe(s)</i>	116
Joel Gonçalves Sabino, <i>A Gesta Evangelizadora na Insulíndia na primeira metade do século XVI</i>	139
Nuno Filipe Malva Oliveira, <i>A Civilidade na Insulíndia de Quinhentos: as vivências em Malaca e Java</i>	153



Palúdica e praticamente estéril, esta Veneza do Oriente era, quase obrigatoriamente (diríamos), procurada por mercadores e viajantes provenientes das mais diversas paragens do Índico-Pacífico. Em sítio abrigado das monções (no que levava vantagem a Singapura), diariamente numerosas embarcações locais (cerca de uma centena de “juncos” e meia centena de “paraus”) serviam-se das marés e dos “terrenhos” (ventos que sopravam da terra) para abastecerem a cidade.

Sabendo da importância geo-económica de Malaca, em 1511 Afonso de Albuquerque, naturalmente com o consentimento do rei de Portugal, tomará a cidade. Referindo a sua importância, sobretudo económica, Fernão Lopes de Castanheda considerará o porto de Malaca como “[...] a mayor escala das mais ricas mercadorias que se então sabia no mundo”, acrescentando João de Barros que embarcações das mais diversas províncias, “todas no tempo de suas monções concorriam áquela riquíssima Malaca, como a um empório, e feira universal do Oriente”.

da Apresentação
João Marinho dos Santos

